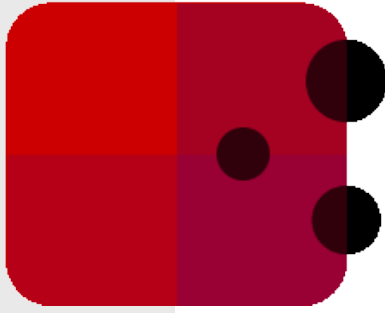


rebecca



*Salve o cinema II: um apelo e
uma louvação em nome da arte
cinematográfica*

Cláudio Bezerra¹

Resenha

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes e MORAES, Taiza Mara Rauen (Org.). *Salve o Cinema II: leitura da linguagem cinematográfica*. Joinville: Editora Univille, 2011.

1. Jornalista, documentarista e doutor em Multimeios pela Unicamp. É professor de Televisão, Cinema e Vídeo da Universidade Católica de Pernambuco.. E-mail: claudiobezerra@uol.com.br

Certos livros podem ser mais facilmente compreendidos quando se conhece o seu contexto. É o caso, por exemplo, de *Salve o cinema II: leitura da linguagem cinematográfica*, organizado por Fábio Henrique Nunes Medeiros e Taiza Mara Rauen Moraes (Editora Univille, 2011, 230 p.). O livro é mais um rebento do projeto Salve o Cinema – Leitura e Crítica de Linguagem Cinematográfica, desenvolvido pelo Programa de Incentivo à Leitura (Proler), da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade da Região de Joinville (Univille, SC).

O projeto, cujo nome é uma feliz apropriação do título do filme *Salaam Cinema* (1995) do iraniano Mohsen Makhmalbaf, tem por objetivo discutir a sétima arte como fenômeno artístico-cultural de múltiplas faces, que não se esgota em padrões narrativos forjados pela indústria cinematográfica. Para os organizadores, se a mídia se propõe a disseminar o cinema de aventura, linear e tecnicamente perfeito, cabe à universidade desconstruir os modelos impostos, criando espaços alternativos para a exibição e o debate de filmes fora do circuito comercial, colocando, no centro das discussões, as questões relacionadas à linguagem. E é exatamente isso que está sendo feito na Univille, desde 2004. Um trabalho que tem gerado bons frutos, como a publicação dos dois volumes da coletânea Salve o Cinema.

O primeiro volume, que tem como subtítulo “Leitura e crítica da linguagem cinematográfica”, reúne basicamente textos sobre os filmes apresentados nos ciclos de debates ocorridos em 2004 e 2005. Já *Salve o cinema II: leitura da linguagem cinematográfica*, objeto de interesse desta resenha, apresenta-se como uma obra mais consistente, com reflexões a respeito da linguagem, da estética e da história do cinema, na perspectiva de acadêmicos e profissionais da área. Como se fosse um estágio mais avançado do projeto de formação de



espectadores é possível encontrar no segundo volume da coletânea artigos sobre semiótica, fotografia, som, animação, documentário, videoclipe, literatura e suas inflexões no campo cinematográfico.

Como grande parte dos livros feitos por compilação, falta unidade orgânica e equilíbrio na qualidade dos textos publicados em *Salve o cinema II*. Alguns são superficiais e nem sequer conseguem descrever de modo satisfatório os seus objetos. Outros, porém, ultrapassam a linha divisória da simples descrição e operam ótimas análises, ou fazem arqueologias acerca do tema que abordam. “Semiótica do cinema”, de Eneus Trindade, por exemplo, introduz o leitor com muita clareza no campo da semiótica de vertente francesa, com a análise de dois textos seminais: *A significação no cinema*, de Christian Metz, e *A análise do filme*, de Jacques Aumont e Michel Marie. Sem esquecer a importância de autores como Propp e Greimas na construção da semiótica narrativa e discursiva, Eneus sugere que a obra de Aumont e Marie representa uma linha evolutiva dos estudos de Metz ao propor que as narrativas cinematográficas são capazes de operar “um jogo de relações actanciais mais complexo que o das fábulas ou das narrativas épicas”.

Em “A fotografia como pedra angular”, Atílio Avancini apresenta um panorama da reflexão acerca do registro fotográfico, do analógico ao digital, tendo como principal companheiro de viagem um papa no assunto: Philippe Dubois. Avancini fala da crise conceitual da fotografia com o advento das imagens digitais e, mesmo sem fechar a questão sobre o tema, aponta que “hoje o sentido se faz mais importante que a imagem”. Rubens da Cunha, por sua vez, no texto “O poético no cinema: olhares inquietos”, leva o leitor a um belo passeio pelas ideias de quatro cineastas que fizeram de suas obras um casamento perfeito entre cinema e poesia: Epstein, Buñuel, Cocteau e Pasolini. Em sintonia fina com os propósitos do projeto Salve o Cinema, Cunha entende o poético como aquilo que rompe com a estagnação da linguagem dominante.



O cinema nacional também é objeto de análise em três bons artigos. “Por uma Pasárgada pós-moderna? Algumas notas sobre paisagens no cinema brasileiro contemporâneo”, de Pedro Vinícius Asterito Lopera, passa em revista a representação do Brasil urbano e rural nos filmes nacionais. Lopera ressalta o caráter histórico dessas representações (leiam-se “favela” e “sertão”), mas aponta algumas particularidades nas produções recentes: o atrelamento de uma instituição estatal, o presídio, como representação da paisagem urbana, a exemplo de *Quanto vale ou é por quilo?* (Sérgio Bianchi, 2005), e o protagonismo discursivo das mulheres subvertendo a ordem patriarcal no meio rural, tal como nos filmes *Corisco e Dadá* (Rosemberg Cariri, 1996), *Abril despedaçado* (Walter Salles, 2001) e *Narradores de Javé* (Eliane Caffé, 2004), entre outros.

Quem também ressalta o papel ativo das mulheres no atual cinema brasileiro é Meize Regina de Lucena Lucas, no texto “Por entre paisagens cinematográficas: o sertão no cinema contemporâneo”. A autora observa que desde os anos 1930 o sertão cinematográfico era dominado por homens, mas agora as mulheres passaram a ocupar um papel central, provocando “o apagamento da figura masculina”. *O céu de Suely* (Karim Aïnouz, 2006) seria o filme emblemático dessa nova abordagem, entre outras coisas porque introduz a personagem individualizada num universo sertanejo tradicionalmente ocupado por dois tipos de personagens: as heroicas (beatos, cangaceiros, colonos e coronéis) e as coletivas (camponeses e religiosos).

Meize Lucas ressalta ainda que na cinematografia recente o sertão brasileiro já não é mais um contraponto para a cidade. De um lugar seco, mítico, distante e sem perspectivas, como na representação do Cinema Novo, tornou-se um ambiente multifacetado e de contaminações:

o sertão não existe sem seu par, a cidade e seu espaço urbano, e aliás ele próprio não é só o campo; a água corre com a vegetação, pois a seca não é sua única configuração, e a falta dela encontra seu reverso na abundância que, igualmente, é um problema; o moderno e sua tecnologia andam com antigas sociabilidades e objetos; o feminino e o masculino



não se estreitam nos papéis formais de homem e mulher; as personagens pertencem ao litoral e ao rural. (p. 208)

resenha

É claro que a complexidade das atuais representações do Brasil tem uma dimensão histórica e reflete as transformações socioculturais pelas quais o país tem passado, sobretudo, nos últimos vinte anos. Essas mudanças ocorreram também no campo do cinema documentário, como revela Alexandre Figueirôa, em “Cinema documentário ou não: o real e a poética do cotidiano em *Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo* e *Avenida Brasília Formosa*”. Ancorado em alguns dos principais pensadores da área (Bill Nichols, Guy Gauthier e os brasileiros Fernão Ramos e Francisco Elionaldo Teixeira, entre outros), Figueirôa discute como os modelos narrativos oriundos, sobretudo, do cinema direto e do cinema-verdade são ressignificados em dois filmes recentes.

Viajo porque preciso, volto porque te amo (Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, 2010) e *Avenida Brasília Formosa* (Gabriel Mascaro, 2010) são filmes que borram as fronteiras entre o mundo da ficção e o da vida real para lançar um olhar diferente sobre as novas cartografias do imaginário brasileiro. Segundo Figueirôa, o filme de Gomes e Aïnouz “instaura uma poética híbrida”, tecida com muita habilidade por uma costura de diferentes elementos estilísticos do documentário, da videoarte, das artes plásticas e da literatura, buscando assim “reconfigurar parâmetros da imagem do Nordeste”.

O hibridismo marca também o filme de Mascaro, mas com outra chave, a partir de uma combinação criativa entre a observação da estilística do cinema direto com a interação do cinema-verdade e a encenação do documentário clássico. Alternando o ponto de vista do realizador com o ponto de vista de um personagem do filme (o videasta amador que registra os acontecimentos sociais do bairro), *Avenida Brasília Formosa* acaba por revelar a complexidade de uma comunidade pobre do Recife: “um espaço de desejos, de fragmentos de memória, de pequenos gestos cotidianos



delineados por quatro personagens apresentados a nós como se andássemos a esmo pelas ruas do lugar”, diz Figueirôa.

Por seu propósito imediato de formar espectadores para filmes artísticos e sem apelo comercial, *Salve o cinema II: leitura da linguagem cinematográfica* pode ser um livro indicado, prioritariamente, a iniciantes. Mas, pela qualidade de alguns dos seus textos, é também leitura recomendada para os iniciados, sejam amantes ou pesquisadores da sétima arte.